

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACE
CURSO DE PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Liana Dorneles Batista

A CONTRIBUIÇÃO DO DESENHO COMO EXPRESSÃO E LINGUAGEM NA
ALFABETIZAÇÃO

BRASÍLIA

2007

Liana Dorneles Batista

A CONTRIBUIÇÃO DO DESENHO COMO EXPRESSÃO E LINGUAGEM NA
ALFABETIZAÇÃO

Projeto de monografia apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação-FACE, do Centro Universitário de Brasília-UniCEUB, como parte das exigências para a conclusão do curso.

Orientadora: doutora Maria Eleusa Montenegro.

BRASÍLIA

2007

Dedico esta Monografia aos meus pais que durante todos esses anos ajudaram-me a pagar minha faculdade trilhando um caminho e um futuro com certeza brilhante.

Agradeço imensamente a orientadora doutora Maria Eleusa Montenegro, a professora Sainy e aos meus colegas pela paciência e colaboração diante da elaboração desta.

“Antes eu desenhava como Raphael, e precisei de toda uma vida para aprender a desenhar com as crianças.” Pablo Picasso

RESUMO

Esta monografia pretendeu analisar o desenho como uma contribuição na alfabetização, como expressão e linguagem. Ao fazer a relação entre o desenho e a escrita acreditou-se na possibilidade de se trabalhar uma metodologia que organizasse o trabalho da escrita e do desenho ao mesmo tempo. Buscou-se investigar o uso do desenho em sala de aula, voltado para uma metodologia alfabetizadora utilizando-se conceitos e reconhecimento do uso do desenho e valorizando sua importância. São vários os conceitos do desenho assim como suas fases. Todavia, o que se encontra nos autores pesquisados é a valorização do desenho como instrumento de mediação da criança e seus sentimentos. Para tanto, apoiou-se neste trabalho, em estudos teóricos voltados para o campo da psicologia e da filosofia aplicados à educação e na metodologia qualitativa utilizou-se como instrumentos, questionários direcionados a seis professores alfabetizadores de escolas localizadas no Plano Piloto, Brasília, Distrito Federal sendo três de rede pública e três de rede particular. As categorias escolhidas para o trabalho foram: conceituação do desenho infantil; importância e contribuição do desenho; relação desenho e escrita; e dificuldades no trabalho com o desenho. A análise e discussão dos dados levaram aos seguintes resultados: na conceituação do desenho infantil as professoras, em sua maioria responderam que é uma forma da criança se expressar; quanto à importância e contribuição do desenho as professoras citam o trabalho de coordenação motora utilizado no desenho como um auxílio na escrita; com relação à utilização do desenho todas as professoras afirmam que esta é indispensável nessa faixa etária; na relação desenho e escrita todas as professoras afirmaram que os dois estão o tempo todo sendo trabalhados juntamente, relataram não terem dificuldades nesse trabalho.

Palavras-chave: Arte. Desenho. Alfabetização.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	3
2 JUSTIFICATIVA.....	4
3 PROBLEMATIZAÇÃO.....	5
4 OBJETIVOS.....	6
4.1 OBJETIVO GERAL.....	6
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	6
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
5.1 A HISTORICIDADE DO DESENHO.....	7
5.2 O ATO DE DESENHAR.....	8
5.2.1 Do gesto ao traço.....	8
5.2.2 Quando o traço no papel recebe um nome.....	9
5.2.3 Campos de expressão: educação, terapêutica e cultura.....	10
5.2.4 A criança desenha o que sabe não o que vê.....	10
5.2.5 Realismo do desenho infantil.....	11
5.2.6 A criança é realista na intenção.....	12
5.2.7 O realismo visual é aprendido.....	13
5.3 FASES DO DESENHO.....	13
5.3.1 Garatuja desordenada.....	14
5.3.2 Garatuja ordenada ou controlada.....	15
5.3.3 Garatuja ordenada ou identificada.....	15
5.3.4 Fase pré-esquemática e realismo fracassado.....	16
5.3.5 Fase esquemática.....	18
5.4 O DESENHO E A EVOLUÇÃO.....	19
5.5 TRABALHANDO O DESENHO COMO EXPRESSÃO E LINGUAGEM.....	19
6 METODOLOGIA.....	21
6.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	21
6.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	21
6.3 CENÁRIO E PARTICIPANTES.....	21
6.4 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA.....	22

6.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	22
6.5.1 ESPECIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS.....	22
6.5.2 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES.....	33

1 INTRODUÇÃO

O tema desta monografia versa sobre o desenho como expressão e linguagem na alfabetização.

O desenho, atualmente, é um recurso bastante usado por muitos professores, porém, poucos sabem de seus objetivos, perspectivas e importância, principalmente na alfabetização. Assim como a escrita, o desenho trabalha bastante com a coordenação motora fina, incluindo a atenção, a paciência e a emoção.

Todos os indivíduos, desde crianças, começam a rabiscar e a desenhar. Em todas as culturas o desenho está nitidamente presente.

Desde pequena, a criança já começa a rabiscar por prazer, sem o objetivo de representar seu meio. Aqueles rabiscos são produtos de um movimento motor e criador de novos traços, podendo ser, ao longo do tempo, cada vez mais aprimorado e desenvolvido.

Segundo Chemana (1991, p. 19), o desenho e a escritura se encontravam muito estreitamente associados pelo mesmo lexema (elemento que encerra o significado da palavra).

Para Luquet (1969, p.130), o desenho é a manifestação da capacidade representativa. A criança desenha para se divertir. Através do desenho a criança expressa também um “estado de espírito” no qual se encontra.

“O desenho está relacionado com a linguagem; linguagem gráfica que surge como base para a linguagem oral”, é o que afirma Vygotsky (apud MARINO, 1988, p. 123).

Ao fazer uma relação entre o desenho e a escrita acreditou-se na possibilidade de se exercer uma metodologia que organizasse o trabalho da escrita e do desenho mutuamente. Por se tratar de uma forma prazerosa de se desenvolver a psicomotricidade da criança, o desenho torna-se um recurso bastante favorável para o processo ensino-aprendizagem.

2 JUSTIFICATIVA

Para a criança, o ato de desenhar é muito prazeroso e, para o professor, uma ótima oportunidade de incentivar à criatividade e uma forma agradável de se trabalhar a coordenação motora, a capacidade de atenção e concentração, cores, formas e a interdisciplinaridade.

Todavia, em geral, os professores na alfabetização deixam de lado esta forma de linguagem, preocupando-se apenas com o nível de leitura que a criança apresenta e com sua grafia, esquecendo-se de que este processo pode inclusive surgir por meio do desenho.

O desenho ficou restrito às aulas de Educação Artística, onde são passadas técnicas diferentes para reprodução de modelos e/ou trabalhos manuais, quando não é utilizado somente para ilustração ou apoio à compreensão de determinados conteúdos. Frequentemente, o desenho é usado como preenchimento de espaços abertos em função do término da programação daquele dia.

Muitos pesquisadores acreditam que o desenho é uma forma de expressar sentimentos, emoções e desenvolver a cognição. Porém, pergunta-se: por que alguns professores não se utilizam desta linguagem para saber o que seu aluno traz de casa? Qual o significado do desenho para a criança? Como se desenvolve o grafismo infantil?

A partir desses questionamentos, pretendeu-se que esta acadêmica aprofundasse seus conhecimentos nessa área, interdisciplinarmente; percebesse a importância do ato de desenhar como descoberta e estímulo à criatividade e à coordenação motora com base na arte, contribuindo, assim, para a sua prática pedagógica futura e, conseqüentemente, para o aprendizado de seus alunos.

3 PROBLEMATIZAÇÃO

No tema “A contribuição do desenho como expressão e linguagem na alfabetização” buscou-se estudar e refletir sobre o uso do desenho como recurso e sua relação com a escrita.

Ele foi escolhido pelo propósito de aprofundar conhecimentos essa área específica verificando sobre o ato de desenhar como descoberta e estímulo à criatividade.

Partindo dessa afirmação indaga-se o seguinte:

- Como o desenho pode ser utilizado em sala de aula?
- Qual a importância desse uso?
- Pode-se dizer que o desenho é a iniciação para a escrita?
- Quais são as fases que a criança passa ao desenhar?
- Como desenvolver uma metodologia associando arte e alfabetização?

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Investigar o uso do desenho em sala de aula voltado para uma metodologia alfabetizadora.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- *Investigar como o desenho pode ser utilizado em sala de aula
- *Identificar os processos evolutivos do desenho;
- *Caracterizar as fases do desenho na alfabetização;
- *Desenvolver a arte como processo alfabetizador.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 A HISTORICIDADE DO DESENHO

Segundo a educadora Francesa Mèredieu (1974, p. 24), o interesse pelo desenho infantil data dos fins do século passado. Primeiro, de 1880 a 1900, descobriu-se a originalidade da infância; depois, a influência das idéias de Rousseau em pedagogia levou a distinguir diferentes etapas do desenvolvimento gráfico da criança. Em seguida, o desenho foi introduzido no tratamento psicanalítico: em 1926, Morgenstern (apud MÈREDIEU, 1974, p. 24) tratou, desse modo, um caso de mutismo numa criança de 9 anos. Paralelamente, prosseguiram estudos sobre o sentido estético da criança. Estabeleceram-se comparações entre o estilo infantil e os quadros dos mestres; submeteram-se as produções infantis aos cânones da beleza, consagrando-se estudos à escolha da cor e ao repertório gráfico da criança, conforme a descrição a seguir:

No momento atual os estudos sobre o desenho beneficiam-se da contribuição - considerável da psicologia infantil - da obra de Jean Piaget. O prosseguem no sentido de uma elucidação dos mecanismos da expressão infantil, expressão que não é mais gráfica e plástica apenas, mas também gestual e musical. (MÈREDIEU, 1974, p. 25).

É importante destacar uma curiosidade citada por Chemana (1991, p. 19) de que o desenho e escritura se encontravam muito estreitamente associados e designados pelo mesmo lexema¹. A história das línguas escritas confirma e generaliza este breve apanhado etimológico: a escritura, no começo, é composta por desenhos de objetos, como por eles representados. As línguas que têm acesso à escritura e começam um alfabeto só chegam aí após uma longa evolução atravessando muitas fases, sendo a primeira a pictográfica (desenho da coisa) e a segunda a ideogramática (desenho de idéia).

¹ Lexema: elemento que encerra o significado da palavra. (BUENO, 1985, p. 98)

O que se torna importante para este trabalho é a análise do momento em que a escrita pode estar relacionada ao desenho.

5.2 O ATO DE DESENHAR

Todas as pessoas, desde crianças, começam a rabiscar e desenhar. Em todas as culturas o desenho está nitidamente presente. Mas o que é este ato que todas as crianças em todas as culturas praticam?

Segundo Luquet (1969, p. 130), a criança desenha para se divertir. O desenho é para ela um jogo como qualquer outro, intercalando-se entre eles. Luquet notou que em muitas crianças os seus períodos de atividades gráficas se realizavam por longos intervalos de tempo, durante os quais não desenhavam nada. Convém notar que é um jogo tranqüilo que não exige companheiro e ao qual se pode dedicar em casa tão comodamente como ao ar livre. Para este autor, por consequência, o desenho será praticado com predileção pelas crianças de temperamento relativamente calmo e por todas as crianças em momento de solidão quando as circunstâncias não permitem os jogos ao ar livre e quando estão fadigadas, ou simplesmente quando a necessidade de mudança as leva a divertir-se com outra coisa.

Percebe-se que Luquet (1969, p. 130), considerando o desenho como um ato da criança de divertir ou da criança desenhando em momentos de solidão, demonstra que, através do desenho, ela expressa também um “estado de espírito” ao qual se encontra. Chemana (1991, p. 20) afirma que isto significa que a criança utiliza do desenho como forma de expressar ou representar, além de alguns objetos, muitas vezes familiares, também suas preocupações mais essenciais.

5.2.1 Do gesto ao traço

Segundo Mèredieu (1974, p. 25), a evolução do desenho da criança começa no chamado rabisco. Neste estágio, no plano plástico, a expressão infantil começa pelo borrão, ou aglomerado

e, no plano gráfico, pelo rabisco, “movimento oscilante, depois giratório, determinado na origem por um gesto em flexão que lhe dá o sentido centrípeto, oposto aos ponteiros de um relógio”.

Esse rabisco é considerado como uma verdadeira “pré-história” do desenho. A criança ainda não tem um movimento direcionado à coordenação motora fina. Só depois que a criança percebe que seu movimento motor criou um traço é que sentirá o prazer em desenhar. (MÈREDIEU, 1974, p. 25).

Bernson (apud MÈREDIEU, 1974, p. 25) distingue três estágios do rabisco:

- a) Estágio vegetativo motor (por volta dos dezoito meses): é quando aparece o tipo de traçado próprio da criança, mais ou menos arredondado, convexo ou alongado. O lápis não sai da folha e esses turbilhões elípticos que partem do centro correspondem a uma simples excitação motora.
- b) Estágio representativo (entre 2 e 3 anos): Esboços, delineamentos de formas, este estágio se caracteriza essencialmente pelo aparecimento de formas isoladas, tornadas possíveis pelo levantamento do lápis. A criança passa do traço contínuo para o descontínuo. O ritmo se torna mais lento. Há uma tentativa para reproduzir o objeto e comentário verbal do desenho.
- c) Estágio comunicativo (começa entre 3 e 4 anos): a imitação do adulto torna-se mais manifesta e se traduz por uma vontade de “escrever” e de comunicar-se com outrem. A criança elabora uma escrita fictícia, traçada em forma de dentes de serra, que procura reproduzir as letras dos adultos.

5.2.2 Quando o traço no papel recebe um nome

Luquet (1969, p. 131) enfatiza que, se observar uma criança desenhando pela primeira vez, vê-se claramente que seus “rabiscos” representam, inconscientemente, os movimentos de suas mãos, braços, pernas e corpo. O próximo passo a se dar é deixar que a criança descubra, sozinha, que seus desenhos podem ter um significado. Quando ela já consegue ver isso, após o desenho pronto, vai nomeá-lo como algo que pode ou não se parecer com o que está desenhado, tornando-o significativo.

Se até esse momento ela desenhava para depois nomear, a partir de agora, ela vai desenhando e dando um significado ao seu desenho, ou seja, ela vai desenhando e dizendo o que é:

A próxima etapa se inicia quando ela, antes mesmo de desenhar, diz: “vou desenhar uma flor” e só daí é que ela desenha, quer dizer, ela já tem em mente o que quer desenhar. Isso mostra que os primeiros traçados da criança não representam, simbolicamente, objetos reais, mas sim, pelo fato de nomeação, de utilização da linguagem falada é que os desenhos ganham significados, isto é, o significado do desenho pode mudar mesmo antes dele ficar pronto (ela diz que vai desenhar uma flor, mas antes de completar o desenho a flor já virou bruxa). (LUQUET, 1969, p.131).

Para Luquet (1969, p. 132), o desenho só passa a ser representação simbólica quando a nomeação passa a se dar no início do ato de desenhar e a criança torna-se capaz de decidir antecipadamente o que quer colocar no papel.

5.2.3 Campos da expressão: educação, terapia e cultura

É preciso aprender a ler e a escrever os objetos para desenhar.

Nesse aspecto, Greig (2004) afirma que o desenho é considerado como “escrita da forma”. A partir disso, pode-se entender que a observação é muito importante para se conseguir um desenho, trabalhando principalmente a coordenação motora fina aonde aos poucos a mão vai conseguindo movimentos cada vez mais difíceis e detalhados.

Para se trabalhar esses movimentos os professores, em geral, principalmente de educação infantil, utilizam o “desenho ditado” onde a criança copia desenhos, amplia figuras fazendo exercícios muitas vezes repetitivos, é o que afirma Greig (2004, p. 139), definindo tal fato como práticas sobrepostas. Fazendo de forma lúdica, os professores começam a dar exercícios que fazem as crianças continuarem o desenho, cobrirem pontilhado etc.

“É preciso destacar também que a exigência em respeitar os limites é acompanhada, na maioria das vezes, do total desprezo pela contra-página colorida, pois a cor desafia mais a fantasia: a criança copia as formas, mas raramente as cores”, enfatiza Greig (2004, p.139).

O método “Natural” de Célestin Freinet (apud GREIG, 2004, p. 139) seguiu a linha da livre expressão tratando-se de deixar a criança desenhar espontaneamente.

5.2.4 A criança desenha o que sabe e não o que vê

Para Vygotsky (apud MARINO, 1988, p. 123), o desenho está relacionado com a linguagem; linguagem gráfica que surge como base para a linguagem oral.

Ao desenhar, a criança tem a fala como base: ela conta uma história ou o que ela sabe sobre os objetos. Portanto, Vygotsky (apud MARINO, 1988, p. 123) diz que a criança não se preocupa com a representação da realidade, com a reprodução daquilo que vê. Ao contrário, ela tenta, por meio do desenho, identificar, designar, indicar aspectos determinados do objeto, ou seja, a criança não começa desenhando o que vê, mas sim o que sabe sobre os objetos. Em outras palavras, uma forma específica de expressão.

“O desenho da criança é uma espécie de conceito verbal; pois ele não reproduz todas as características, mas os aspectos mais relevantes. Mostra um grau de generalização, próprio do conhecimento humano, que é sempre elaborado na forma de conceitos e significados”, é o que afirma Vygotsky (apud MARINO, 1988, p. 124).

5.2.5 O realismo do desenho infantil: a perspectiva de Luquet

Segundo Luquet (1969, p. 133), o desenho infantil pode ser abordado por fases, as quais ele denomina e explica conforme a seguir:

Realismo fortuito: a criança descobre uma semelhança qualquer entre seu traçado no papel (feito sem intenção de representação) e um objeto. **Depois fez o desenho**, ela o nomeia.

O segundo estágio é o **realismo fracassado**: caracteriza-se pelas primeiras tentativas da criança reproduzir algumas formas. É nessa fase que aparecem os primeiros desenhos de figuras humanas, como aqueles que há apenas a cabeça e as pernas.

O terceiro estágio começa aos 4 anos e pode estender-se até os 10 ou 12 anos, é o **realismo intelectual**. Durante esse período aparecem planos deitados e a transparência. Esses recursos demonstram de fato o que a criança desenha o que sabe sobre os objetos, e não o que vê.

O quarto e último estágio, próprio da adolescência, é o **realismo visual**: caracteriza-se o aparecimento da perspectiva; a criança (ou adolescente) passa a representar o que vê a partir de determinada perspectiva. (LUQUET, 1969, p. 133).

Mèredieu (1974, p. 28) afirma que, embora Luquet tenha sido o primeiro a distinguir as grandes etapas do grafismo infantil, etapas retomadas depois pela maioria dos especialistas, sem grandes modificações, sua análise é explicada de forma insuficiente. Não explica, por exemplo, o nascimento da representação figurativa e tampouco a passagem de um estágio para o outro.

Particularmente, não se fica sabendo por que o desenho, neste momento, acaba por empobrecer-se e desaparecer.

5.2.6 A criança é realista na intenção: a perspectiva de Piaget

Piaget (apud MARINO, 1988, p. 130) também admite na evolução de desenho infantil os estágios identificados por Luquet.

Assim como Vygotsky, Piaget considera que o desenho constitui uma espécie de conceitualização, antes de se tornar cópia do real. Como elemento da função simbólica, o desenho representa um esforço de imitação do real, estando submetido ao desenvolvimento do próprio pensamento da criança. Isso quer dizer que, embora realista na intenção, a semelhança entre o desenho da criança e a realidade é determinada pelo nível de conceitualização atingido, em cada estágio, pelo seu pensamento. (apud NICOLAU, 1999, p. 128).

Piaget (1988 apud NICOLAU, 1999, p. 130) vê, portanto, a evolução do desenho como concomitante ao desenvolvimento do pensamento e, principalmente, à evolução do conhecimento sobre espaço.

Tanto Piaget quanto Luquet supõem que, embora durante a maior parte da infância as crianças desenhem o que sabem, e não o que vêem, chega-se ao realismo visual, tido como a etapa final do desenvolvimento do desenho. Eles consideram que as crianças, ao desenharem, são realistas na intenção, ou seja, têm como objetivo a representação realista do real. O fato de, apesar dessa intenção, elas não desenharem aquilo que vêem deve-se ao seu nível de maturidade ou desenvolvimento cognitivo. Portanto, chegar a desenhar o que vê seria, para Piaget e Luquet, o resultado natural do processo de desenvolvimento do desenho. (MARINO, 1988, p. 130).

Sob esta mesma perspectiva, Wadsworth (1993, p. 53) declara que o uso precoce pela criança pré-operacional do lápis, do *crayon* e do pincel resulta nas garatujas. Inicialmente a criança não desenha com a intenção de representar algo. Ao longo do estágio pré-operacional² é que a criança vai buscando representar coisas através do desenho. Assim, é de apreço declarar que até 8 ou 9

² Estágio pré-operacional: Jean Piaget (1964) denominou este estágio que vai aproximadamente dos dois aos sete anos de idade. É uma fase mais representativa (manipulação da realidade por meio do domínio de símbolos).

anos, a criança desenha o que ela imagina e não o que ela vê, isto é, o que é visualmente certo. “Se as crianças de 5 ou 6 anos são solicitadas a desenharem uma casa e árvores ao lado de uma colina, elas fazem seu desenho perpendicular ao lado da colina. Até 8 ou 9 anos, elas não são capazes de coordenar a colina e o plano da terra e desenhar objetos perpendiculares à terra.”

5.2.7 O realismo visual é aprendido: a perspectiva de Vygotsky

Vygotsky (apud MARINO, 1988, p. 125) também observa que a capacidade de desenhar o que se vê não é algo que se desenvolve espontaneamente. Ele demonstra, empregando dados de outros pesquisadores, que a idade normalmente identificada pelas teorias como aquela em que se chega ao realismo visual coincide com o momento em que os desenhos começam desaparecer.

“Ao que tudo indica, o realismo visual equivale, de fato, a um padrão estético convencional socialmente valorizado, não tendo sua aprendizagem nada de natural”, é o que afirma Vygotsky (apud MARINO, 1988, p. 125). A partir de determinada idade, a criança já não se contenta com o seu desenho, como aponta Vygotsky, seja por não conseguir corresponder aos padrões socialmente valorizados, seja por já não ser suficiente para atender às necessidades expressivas da criança. Daí, o desenho acaba por ser abandonado.

A partir de certo momento torna-se fundamental a aprendizagem de técnicas e os diversos padrões estéticos constituídos culturalmente que a sua própria habilidade poderá continuar a se desenvolver, ajudando-a a expressar sua visão de mundo, é o que afirma ainda Vygotsky (apud MARINO, 1988, p. 125).

5.3 FASES DO DESENHO

Nicolau (1999, p. 85) percebe o processo do desenho infantil em desenvolvimento como sendo único na criança, embora possa parecer que o desenho é uma simples exploração de um material e meio de expressão da criança. Isso ocorre porque cada desenho reflete o sentimento, a

capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, o envolvimento do criador, e a evolução social de cada criança em particular, explica a autora. O desenho pode proporcionar e gerar uma compensação gradativa da criança.

Segundo a autora, entre 18 e 24 meses a criança começa a rabiscar ou garatujar e se surpreende ao ver que o movimento de sua mão agarrada ao lápis deixa um traço ou sinal no papel até então em branco. Oferecer papéis, de preferência brancos, folhas grandes, lápis de cera, pincéis grossos, tintas espessas, é dar oportunidade para que se inicie no processo de expressão. (NICOLAU, 1999, p. 85). A partir disso a autora cita os seguintes estágios:

Desenvolvimento emocional: De acordo com o grau de intensidade com que a criança se identifica com sua obra o desenho pode ter um baixo nível de envolvimento, resultando em repetições, seguindo padrões rígidos, com falta de flexibilidade do pensamento e imaginação, resultando num desenho personalizado e livre de modelos.

Desenvolvimento intelectual: O desenho também terá um baixo nível de envolvimento e um alto nível dependendo do desenvolvimento intelectual de cada criança. A criança nesta fase está iniciando sua coordenação visual e motora, procurando o controle do corpo descobrindo a expressão do braço. Às vezes a contínua exageração ou omissão de algumas partes do desenho do corpo humano, pode estar veiculadas a falhas no desenvolvimento físico do indivíduo.

Desenvolvimento perceptual: Nesta fase deve-se procurar desenvolver em sua totalidade, através do desenho e de outras expressões artísticas como: tato, visão, olfato, audição, etc, para o descobrimento da forma, cor e do espaço.

Desenvolvimento criador: Inventando suas próprias formas e pondo nelas algo de si própria, de um modo que lhe é peculiar. (NICOLAU, 1999, p. 85).

Segundo ainda Nicolau (1999, p. 86), para criar não é preciso ser habilidoso, mas ter liberdade para explorar, experimentar e envolver-se emocionalmente.

Assim, a atividade artística não deve ser imposta, mas deve surgir de uma força espiritual interior.

5.3.1 Garatuja desordenada

Para Nicolau (1999, p. 86), na fase da garatuja desordenada, de 18 meses a 2 anos a criança necessita de estímulo para poder superar uma fase onde ela não consegue continuar evoluindo. Os traços variam em comprimento e direção e repetem-se muito, os movimentos são amplos. Mesmo sem ter uma boa coordenação muscular, a criança risca uma folha com linhas simples e curtas. Estes traços desenvolvem-se em curvas fechadas horizontais, espirais e em círculos múltiplos.

Os traços não têm sentido, são incontrolados e desordenados, com variações em comprimento e direção. Muitas vezes são feitos sem que a criança olhe para o papel. O lápis é segurado de maneiras diversas, não havendo intenção de representações. A criança tem dificuldade de permanecer nos limites da folha, não há preocupação com a cor. (NICOLAU, 1999).

5.3.2 Garatuja ordenada ou controlada

Ao explicar a fase da garatuja ordenada ou controlada (2 a 3 anos), Nicolau (1999, p. 86) afirma que a criança descobre uma ligação entre seus movimentos e os traços que faz no papel. Ela já tem um controle visual sobre o que está fazendo. Assim, ela começa a variar os movimentos, as linhas são repetidas ou variadas, mas sempre traçadas com força. Quando ela descobrir que existe uma ligação entre seus movimentos e os traços que faz no papel, ela passará a tentar controlar os traços. Nessa fase ainda ocorre:

- *variação dos movimentos: horizontal, vertical, circular; traços vigorosos e grandes;
- *uso de cores diferentes (nesta fase, onde já nomeia os desenhos, a criança pode já querer usar algumas cores, mais como atividade mecânica do que emocional porque ela quer explorar);
- *preenchimento de todos os limites da folha de papel;
- *irá tentar variar as maneiras de segurar o lápis ou o pincel (NICOLAU, 1999, p. 86).

O domínio, ao dirigir os movimentos, dá-lhe grande prazer e confiança. O adulto deve compartilhar da alegria da criança em garatujar.

5.3.3 Garatuja nominada ou identificada

Entre 3 e 4 anos, a criança encontra-se na fase da garatuja nominada ou identificada que segundo Nicolau (1999, p.87), ela atribuirá nomes às garatujas: isto sou eu, isto é um carro etc, mesmo quando para o adulto o desenho executado não simbolize o que a criança verbaliza. São ainda características dessa fase:

- *a criança passa a fazer a ligação entre seus movimentos e o mundo que a rodeia, daí a atribuição de nomes às garatujas;
- *ela muda do pensamento sinestésico para o imaginativo, pondo intenção no que desenha. Isto não a impede de desfrutar o movimento físico, principalmente quando recebe um novo material de desenho, o qual é por ela explorado em todas as suas possibilidades;
- *a descrição verbal dos rabiscos será muitas vezes uma comunicação da criança consigo própria, sem ligação com a representação visual; o mesmo rabisco poderá ter atributos descritivos diferentes;
- *as crianças necessitam que seus pais e professores demonstrem confiança, compreensão e entusiasmo por esse novo modo de pensar, sem, no entanto, forçá-las a dar explicações sobre o que desenharam. (NICOLAU, 1999, p. 87).

Nessa fase, é importante que a criança explore linhas e formas, desenvolva o domínio da coordenação e comece as primeiras relações pictóricas com o meio circundante. Estará sempre desenhando com rosto colado no papel, quando estiver interessada na atividade. Nicolau (1999, p. 87) utiliza a explicação de Lowenfeld (1974) para essa fase, qual seja, “o importante desta fase é que os traços que podem parecer destituídos de sentido para os adultos têm uma significação real para a criança que os desenha.”

Nicolau (1999, p. 88) sugere algumas observações e procedimentos ao se trabalhar com crianças nessas fases:

- Datar sempre os trabalhos de cada um.
- Observando de tempos em tempos:
 - *a variedade das expressões (traços)
 - *uso do espaço
 - *controle do traço
- Anotar:
 - *comentários feitos pela criança em um caderno separado ou atrás do desenho.
 - *Tempo de concentração ou distração
 - *Reações emocionais
 - *Observar se depois que começou a nomear as figuras se acrescentou detalhes, mudou movimentos, etc.

5.3.4 Fase pré-esquemática - 4 a 7 anos (Lowenfeld) e realismo fracassado (Luquet)

Nicolau (1999, p. 88) compara a fase pré-esquemática (4 a 7 anos) proposta por Lowenfeld (apud NICOLAU, 1999, p. 88) com o realismo fracassado de Luquet.

Os movimentos circulares longitudinais da etapa anterior evoluem para formas reconhecíveis, passando do conjunto indefinido de linhas para uma configuração representativa definida. Na representação da figura humana, aparecem as representações “cabeça-pés”. Os

primeiros traçados em busca da forma carecem de toda idéia de proporção, e se vê grandes cabeças sobre extremidades pequenas ou vice-versa, é o que explica Nicolau (1999, p. 88).

Luquet (apud NICOLAU, 1999, p. 88) define as características da fase pré-esquemática como:

- 1) Movimentos circulares e longitudinais se convertem em formas reconhecíveis, em geral, o primeiro símbolo criado é o homem, vejamos a evolução:
 - Cabeça e pés (cabeça e duas linhas verticais)
 - cabeça/ traços/ pernas
 - de frente
 - o tronco gira
 Desenhando o homem é uma demonstração que conhece a si mesmo.
- 2) Desenho do mundo interior (“eu”). Ex: eu e minha mão, eu e minha casa, etc.
- 3) Desenho do mundo exterior (“meu”): casas, habitações, ambiente, vegetação, carros, transportes, animais, etc.

Quanto ao **uso da cor no desenho**, Luquet (apud NICOLAU, 1999, p. 89) afirma que não é utilizada para diferenciar e comparar, não existindo relação entre a cor escolhida, para pintar um objeto e um objeto representado. Neste nível, já sabem escolher e diferenciar as cores, nomeando e selecionando as mais alegres ou tristes, as cores favoritas etc. Faz uso da cor pela cor.

Ao abordar o **uso do espaço no desenho**, Luquet (apud NICOLAU, 1999, p. 89) explica que:

- 1) Os objetos num primeiro momento tendem a estar dispostos numa forma aleatória, “jogados” no espaço.
- 2) A criança, neste nível, não desenha na seqüência ou com coordenação. Cada objeto é colocado de acordo com a sua significação emocional e não na disposição ordenada dos acontecimentos (assim como descreve verbalmente um acontecimento).
- 3) Às vezes o espaço é ordenado por uma linha que serve de apoio para sustentar tudo. Quanto mais detalhes, quanto mais diferenciados os desenhos, maior será o nível de desenvolvimento integral da criança. Ela demonstrará que conhece seu ambiente, seu meio e a si mesma.
- 4) Objetos como se estivessem sendo vistos do alto (como se estivesse sendo visto de um avião). Neste nível o educador não deve “ensinar” a criança a desenhar, por exemplo, os olhos, boca, tem que deixar ela mesma descobrir a maneira própria de representar.

Os materiais adequados a esta etapa, ainda segundo Nicolau (1999), são: tintas de cores variadas (ainda espessas), pincéis grossos, folhas de tamanho grande, lápis de cera, argila e plastilina. Além desses materiais básicos, devem ser apresentados à criança giz colorido, canetas hidrográficas, papéis coloridos, materiais de colagem e modelagem, além de outros que realmente dêem a ela a oportunidade de explorar e manipular o meio, propiciando o desenvolvimento flexível de conceitos próprios e da imaginação criadora.

Nicolau (1999, p. 89) afirma que, nesta idade, não deve haver lugar para atividades como recortar, pintar ou preencher com materiais diversos, figuras estereotipadas, cujos modelos são mimeografados sem nenhum critério.

Sob a mesma perspectiva, Greig (2004, p. 139) faz uma análise afirmando que essas imposições muitas vezes substituem o jogo lúdico tornando o desenho apenas uma reprodução e, assim, vai sendo inculcado na cabeça das crianças como o modelo certo. Tal fato pode levar a uma evolução negativa do desenho deixando de respeitar a própria capacidade de criação da criança, sobressaindo a “normatização” entre essas.

As próprias crianças criarão seus modelos, de acordo com diferenças individuais e com experiências e habilidades vivenciadas e conquistadas, não se valendo de padrões ou modelos preestabelecidos. Cabe, portanto, ao professor, cuidados criteriosos na atuação junto à criança em desenvolvimento, estimulando seus sentidos e sua imaginação.

5.3.5 Fase esquemática

A fase esquemática, de 7 a 9 anos, é quando a criança desenvolve o conceito definido de forma. Seus desenhos simbolizam e representam partes de seu meio e de si, é o que afirma Luquet (1969, p. 87).

O esquema da figura humana será diferente de criança para criança; será muito individual e refletirá o desenvolvimento de cada uma. Ela desenhará as diferentes partes do corpo humano, de acordo com o conhecimento ativo que tenha, e usará símbolos diferentes para descrever o nariz, boca, pés, mãos, dedos etc. (LUQUET, 1969).

Segundo Lowenfeld (apud NICOLAU, 1999, p. 89), a grande descoberta nesta etapa é a da existência de uma ordem definida nas relações espaciais. A criança deixa de pensar: “há uma árvore, há um homem, há um carro”, sem estabelecer relação mútua entre esses elementos, como fazia no estágio pré-esquemático. Ela agora pensa: “estou no chão, o carro está no chão, a grama cresce no chão e todos nós estamos no chão”. Aparece, então, em suas representações, a linha de base, indicando a consciência que a criança tem de que faz parte de seu meio ambiente e a

mudança da atitude egocêntrica para a de cooperação. Essa linha simboliza o chão, a rua, ou outra qualquer base sobre a qual a criança se encontra.

Lowenfeld (apud NICOLAU, 1999, p. 89) afirma, ainda, que, dependendo de suas experiências emocionais, a criança poderá usar a borda do papel como linha de base, omiti-la, ou desenhá-la dupla ou curva. Outro processo de representar o espaço é o do rebatimento ou dobragem, quando os objetos são desenhados perpendicularmente à linha de base. E há ainda outro tipo de representação, o raio X, em que é mostrado o interior dos objetos.

É também nessa etapa que a criança descobre que existe relação entre o objeto e a cor. Os desenhos, pinturas e realizações expressivas das crianças não apenas representam seus conceitos, percepções e sentimentos em relação ao meio, como também possibilitam ao adulto sensível e consciente uma melhor compreensão da criança. (LOWENFELD apud NICOLAU, 1999 p. 89).

5.4 O DESENHO E A EVOLUÇÃO

É observável que o desenho está ligado ao desenvolvimento da coordenação motora, pois “tudo que diz respeito à criança (suas experiências, sentimentos, crescimento...) atua sobre essa evolução dos signos da linguagem plástica.”(STERN apud MÈREDIEU, 1974, p.18).

Esta evolução do desenho infantil ocorre por etapas, carregada de sentimentos e da personalidade da criança. Segundo Mèredieu (1974, p. 18), no decorrer dessas etapas podem ocorrer regressões a um estágio anterior do grafismo, regressões significativas de um distúrbio profundo ou de uma crise passageira.

Lurçat (apud WADSWORT, 1965, p. 84), assim como Mèredieu, destaca três níveis do desenho: nível motor - denominado pelo prazer de rabiscar; nível receptivo - no qual há maior controle dos gestos; nível representativo - caracterizado pela convergência entre expressão oral e expressão gráfica.

Por ocorrerem esses tipos de regressões é que a interpretação do desenho torna-se, cada vez mais, nula, podendo ocorrer a troca do significado dos signos.

5.5 TRABALHANDO O DESENHO COMO EXPRESSÃO E LINGUAGEM

De acordo com Yolanda (2000, p. 76), o trabalho de arte se dá através de percepção do ambiente, sempre sendo uma necessidade de expressão natural.

Para o desenvolvimento físico e mental da criança é fundamental ter um trabalho direcionado e diversificado podendo se utilizar do desenho de várias formas. Yolanda (2000, p. 77) cita exemplos de desenho em areia, terra, no papel, na parede, no cimento, com vara etc. Na criança, faz-se mais do que necessário trabalhar através desta linguagem, pois ajuda no desenvolvimento de seus movimentos. Com base nisso, a autora cita que “o professor deve sugerir que as crianças se sentem, apenas para desenhos pequenos e trabalhos minuciosos.”

Yolanda (2000) afirma, ainda, que as crianças pequenas geralmente se interessam mais por desenhar num quadro negro e na parede no plano vertical do que em papéis. É sempre um interesse ligado à rabiscção sem limites que, para ela, já tem um significado. Começa por um rabisco que vai se desenvolvendo, ficando curvo e, em breve, se transformando em círculos fechados. A figura humana chega ao desenho com seus corpos feitos por traços e as figuras começam a ganhar ritmo e organização espacial.

Lá pelos 6 ou 7 anos, a criança organiza a linha de base do seu desenho e coloca os elementos neste apoio e no resto do papel. Nessa fase, de desenho espontâneo, as crianças estão interessadas também nos conjuntos de letras. Na sua percepção, o importante é copiar aqueles pequenos signos gráficos que pouco conhece e os encontra fascinantes. Copia “errado”, troca letras, dispõe como quer e seu conhecimento se ampliará, quanto mais tiver oportunidade de estruturar seu pensamento. É importante destacar que, para Yolanda (2000), a escrita se dá pela estruturação de desenhos como signos e que cada criança tem seu ritmo para desenhar.

O estímulo deverá ser feito através da observação do que as rodeia, não levando a criança a desenhar estereótipos.

É preciso valorizar o desenho espontâneo, não como um simples preencher do tempo e sim como uma maneira de trabalhar o psicomotor da mesma. Através disso o desenho é considerado pela criança como algo sem importância. O desenho pode ser livre ou direcionado quando é feito com outros materiais variados. Este estímulo deve ser feito desde pequeno, sendo trabalhado juntamente com a leitura e a escrita, permitindo assim o desenvolvimento completo da criança e possibilitando um melhor relacionamento social. (Yolanda, 2000, p. 77).

Quando um professor ou qualquer adulto “poda” a criança, dizendo que seu desenho não está bonito ou que deve fazer de seu modo porque é melhor, está se tirando sua liberdade de expressão, colocando-a em um padrão de estética homogêneo.

6 METODOLOGIA

Vem com o intuito de explicar a abordagem metodológica utilizada nessa monografia; o tipo de instrumento; cenário e participantes; especificação das fases da pesquisa; categorias, organização, análise e discussão dos dados.

6.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, pois se compõe do ambiente natural como fonte direta de dados, tem caráter descritivo e dá enfoque aos vários significados do desenho para alguns professores. Sendo assim, esta pesquisa parte da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva de análise fenomenológica³.

Neves (1996, p. 1) afirma que a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a codificar os componentes de significados.

Na mesma linha Manning (apud NEVES, 1996, p. 1) afirma que "o trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio deles que os dados são coletados".

6.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para esta pesquisa foi utilizado como instrumento o questionário.

Bueno (1996, p. 1106) define questionário como "coleção de questões ou perguntas, interrogatório."

³ Análise fenomenológica: estudo descritivo de um fenômeno ou de um conjunto de fenômenos em que estes se definem quer por oposição às leis abstratas e fixas que os ordenam, quer as realidades de que seriam a manifestação. (Enciclopédia Encarta, 2000)

Um questionário é um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquisição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores não havendo interação direta entre esses e o inquerido. (Amaro, 2005, p.3)

6.3 CENÁRIO E PARTICIPANTES

O instrumento previsto nessa monografia foi aplicado em escolas da rede particular e pública do Plano Piloto, Brasília-DF, o qual abordou questionamentos relacionados ao tema “A contribuição do desenho como expressão e linguagem na alfabetização”, sendo aplicado em seis professores alfabetizadores. Desses professores três são de escola pública e três de escolas privadas.

6.4 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

Ocorreu em diferentes etapas. A escolha do tema deu-se no mês de fevereiro em uma pesquisa bibliográfica realizada na biblioteca do UniCEUB. Por não saber como trabalhar o desenho, me senti estimulada a construir meus conhecimentos partindo de minha pesquisa. Tinha muita necessidade de estudar a fundo este recurso tão completo no trabalho com a criança. A fundamentação teórica foi estruturada desde o mês de abril deste ano, sendo pesquisada em livros, Internet e artigos. A elaboração do instrumento de pesquisa foi feita no mês de maio, já sua aplicação foi feita no mês de agosto. Sendo um questionário, compõe-se de sete perguntas sobre o desenho em sala de aula, onde seis professores alfabetizadores (três de rede pública e três de particular) em escolas localizadas no Plano Piloto. A análise e discussão desses instrumentos deram-se no mês de setembro sendo de bastante crescimento para meus conhecimentos. As considerações finais e redação final desta monografia foram elaboradas no mês de novembro.

6.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

6.5.1 Especificação das Categorias

As categorias selecionadas para a organização, análise e discussão dos dados foram:

- *Conceituação do desenho infantil
- *Importância e contribuição do desenho
- *Utilização do desenho
- *Relação desenho e escrita
- *Dificuldades no trabalho com o desenho

6.5.2 Organização, análise e discussão dos dados

As professoras questionadas são todas do sexo feminino, estando três na faixa etária de 20 a 29 anos e três de 30 a 39 anos. Quanto à formação acadêmica três são pedagogas e três estão concluindo o Ensino Superior em Pedagogia. Em relação ao tempo de magistério duas têm 5 anos e as outras entre 1 a 16 anos.

Os dados foram organizados, analisados e discutidos nas categorias propostas, conforme a descrição a seguir:

- *Conceituação de desenho infantil

Professora 1: “Que o grafismo é uma forma da criança se expressar. Através do desenho ela demonstra o seu interior.”

Professora 2: “É uma forma da criança se expressar em relação ao mundo.”

Professora 3: “Atividade, expressão de sentimentos e vontades através do desenho.”

Professora 4: “Uma maneira da criança se expressar.”

Professora 5: “É um trabalho mais interessante que se pode trabalhar desde a Educação Infantil até à fase de esgotamento (sic!). Através do desenho você consegue perceber a coordenação motora, seqüência lógica e uma preparação para a escrita.”

Professora 6: “Desenvolvimento gráfico, expressão artística e instrumento de avaliação e investigação.”

Todas as professoras afirmaram que o desenho é uma forma da criança expressar-se. Entretanto, a professora 5 citou a “fase de esgotamento”, não explicando exatamente o conceito de desenho.

Nesse sentido, Luquet (1969, p. 130) relata que o desenho é a forma que a criança tem para se expressar. Assim, observou-se a semelhança da teoria com as respostas das professoras.

Para Vygotsky (apud MARINO, 1988, p.124) o desenho está relacionado com a linguagem gráfica que surge como base para a linguagem oral.

Ao desenhar, a criança tem a fala como base: ela conta uma história ou o que sabe sobre o objeto. Vygotsky (apud MARINO, 1988, p. 123) diz que a criança não se preocupa com a representação da realidade, com a reprodução daquilo que vê. Ao contrário, ela tenta, por meio do desenho, identificar, designar, indicar aspectos determinados dos objetos, ou seja, a criança não começa desenhando o que vê, mas sim o que sabe sobre os objetos. Em outras palavras, uma forma específica de expressão. O desenho da criança é uma espécie de conceito visual; portanto, não reproduz todas as características, mas os aspectos mais relevantes.

***Importância e contribuição do desenho**

Professora 1: “Sim. A criança que ainda não está alfabetizada se comunica com a professora através de seus desenhos. Ela representa histórias, descobre personagens, desenha como foi o seu

dia e outros. A criança inicia a escrita das letras através de garatujas depois veêm os desenhos e em seguida surgem as letras”

Professora 2: “Sim. Porque é uma forma de observar o desenvolvimento da criança, pois toda criança sabe desenhar. Através do desenho a criança constrói seu conhecimento fazendo uma ligação desenho/letra. Eu gosto de trabalhar desta forma porque facilita a aprendizagem significativa.”

Professora 3: “Sim, é uma forma de expressão, de forma a desenvolver habilidade de expressão, interpretação e desenvolvimento de suas habilidades e competências, além da parte motora.”

Professora 4: “Com certeza. Nesta faixa etária o lúdico deve ser valorizado e a produção autônoma também. Os alunos associam muito o som do fonema aos objetos, seres e o desenho proporciona esta junção.”

Professora 5: “Sim, através do desenho a criança expressa os seus sentimentos e vai desenvolvendo todo um processo para a escrita; dos riscos surgem formas e dessas um significado importante para a criança, pois prepara para o processo de alfabetização com diferentes movimentos torna-se possível o traçado das letras de forma correta.”

Professora 6: “Sim, toda expressão artística é válida quanto ao seu auxílio na equilibração do sentimento e do racional. O desenho desde o maternal (rabiscção) é um pré-requisito para a alfabetização.”

A professora 1 relatou sobre a iniciação da escrita tendo como ponto de partida as fases do desenho, inclusive ela citou as fases das garatujas. Sob essa mesma perspectiva, tem-se a professora 6 que pontuou o uso do desenho desde o maternal.

Para Yolanda (2000, p. 76), é preciso valorizar o desenho espontâneo da criança, não como um simples preencher de tempo e sim como uma maneira de trabalhar o psicomotor da mesma. Este estímulo deve ser feito desde pequeno, sendo trabalhado juntamente com a leitura e a escrita, permitindo assim o desenvolvimento completo da criança. O desenho também possibilita um melhor relacionamento social ao trabalhar também a comunicação e expressão da criança.

Os dados das professoras 2, 3, 4 e 5 apresentam a forma como o desenho ajuda na construção da escrita, desenvolvendo habilidades, associando o som do fonema aos objetos e, assim, tornando possível o traçado das letras. Sobre este aspecto, Derdyk (1989, p. 104) afirma:

É patente o empobrecimento da expressão gráfica. Quando a criança passa pelo processo de alfabetização, principalmente quando não há um respaldo que dê garantias para a continuidade da experimentação gráfica. Estes fatos nos levam a refletir sobre o funcionamento do nosso sistema educacional. A escola é o agente e o transmissor cultural. A necessidade de organizar o conhecimento compartimentado, classificatório e redutor. A escola, porta-voz de uma visão de mundo, pode subliminarmente aprisionar a capacidade de a criança perceber e compreender o mundo por si mesma: este lhe é dado, apresentado e assimilado.

É importante usar o desenho sem estimular a cópia e sim de forma criativa.

***Utilização do desenho**

Professora 1: “Sim. Toda criança gosta de desenhar, então eu aproveito seus desenhos para lhes ensinar os conteúdos programáticos.”

Professora 2: “Sim. Quando uso o desenho exploro o conhecimento da criança como forma de avaliação.”

Professora 4: “Sim. Tenho o desenho como um fiel parceiro em sala de aula.”

Professora 5: “Sim, a todo o momento permite desenvolver vários caminhos levando ao aluno à construção do conhecimento, à expressão oral e gráfica.”

Professora 6: “Sim. Tratando-se de uma turma de alfabetização é extremamente importante para o desenvolvimento psicomotor.”

São várias as formas de utilização do desenho citadas pelas professoras, porém, a mais utilizada é como forma de avaliação. Com o desenho as professoras introduzem os conteúdos programáticos, constroem o conhecimento e trabalham a expressão oral e gráfica.

Para o desenvolvimento físico e mental da criança é fundamental ter um trabalho direcionado e diversificado podendo se utilizar do desenho de várias formas. Yolanda (2000, p. 77) cita, como exemplos, desenho na areia, na terra, no papel, na parede, no cimento, com vara etc. Na criança, faz-se mais do que necessário trabalhar através desta linguagem, pois ajuda no desenvolvimento de seus movimentos. Com base nisso, a autora cita que “o professor deve sugerir que as crianças se sentem, apenas para desenhos pequenos e trabalhos minuciosos.”

Yolanda (2000) afirma, ainda, que as crianças pequenas geralmente interessam-se mais por desenhar num quadro negro e na parede no plano vertical do que em papéis. É sempre um interesse ligado à rabiscção sem limites que, para ela, já tem um significado. Começa por um

rabisco que vai desenvolvendo, ficando turvo e, em breve, transformando-se em círculos fechados. A figura humana chega ao desenho com seus corpos feitos por traços e as figuras começam a ganhar ritmo e organização espacial.

***Relação desenho e escrita**

Professora 1: “Sim. A criança aprende a escrever através dos seus desenhos que evoluem sua coordenação motora.”

Professora 2: “Sim. O desenho está muito ligado com o cotidiano da criança, pode-se dizer que desde a antiguidade o desenho é utilizado como forma de registro.”

Professora 3: “Sim, o desenvolvimento motor ‘provocado’ pelo ato de desenhar auxilia para a operação motora-fina, importantíssima para a escrita.”

Professora 4: “O desenho faz parte da escrita. Trabalhar com atividades que envolvam o desenho, a criança estará em contato com o desenvolvimento do grafismo, orientação espacial, dentre outros.”

Professora 5: “Sim, eu diria que o desenho complementa o processo de escrita, tendo, os dois, bastante significado para a criança.”

Professora 6: “Total, o signo lingüístico tem fases em sua aprendizagem. O desenho desenvolve habilidades significantes para alfabetização.”

Todas as professoras afirmaram que o desenho e a escrita estão de certa forma interligados. Porém, a professora 6 citou as fases do signo lingüístico, mas não revelou em que fase do signo está relacionada.

Chemana (1991, p. 19) relata que o desenho e a escritura encontram-se muito estreitamente associados e designados pelo mesmo lexema. A história das línguas escritas confirma e generaliza este breve apanhado etimológico: a escritura no começo, não era composta se não por desenhos de objetos, como por eles representados. As línguas que têm acesso à escritura e começam um alfabeto só chegam aí após uma longa evolução atravessando muitas fases, sendo a primeira pictográfica (desenho da coisa) e a segunda a ideogramática (desenho de idéia).

Existem estudos que estabelecem uma correspondência e uma similaridade operacional e significativa entre o desenho infantil e a gênese da escrita. Tem-se, como exemplo, a escritura da China que nasceu pela esquematização progressiva de desenhos figurativos. Segundo Andrade (apud DERDYK, 1989, p. 100):

Nós temos dados positivos para saber que, de fato foi do desenho que nasceu a escrita dos hieróglifos. Não sabemos como surgiu a pintura, mas é muito provável que a sua primeira conceituação no espírito humano tenha provindo dos rabiscos rituais, em preto, em vermelho, em branco, com que todos os povos primitivos se enfeitam no corpo para os cerimoniais.

Mesmo a pintura do corpo, entre os povos, mais atrasados mentalmente, é sempre uma escritura de natureza hieroglífica. Hoje isso é questão passiva de etnografia, e sabemos definitivamente que a cada rabisco, a cada cor, a cada mancha, a cada decoração enfim, os primitivos atribuem um valor simbólico, e a cada elemento quer dizer alguma coisa compreensível à inteligência do clã ou de seus pajés.

Essa natureza primitiva da escrita e sua relação com o desenho é também confirmado por Mèredieu (1974), quando afirma que, em certas civilizações, a linguagem gestual de modelo para constituir os signos da escrita e os primeiros pictogramas, é apenas a transcrição gráfica de gestos e ações.

Um elo profundo une, portanto, o desenho infantil e as escritas primitivas, em particular as escritas pictográficas, e é provável que, se tomassem esse caminho, as pesquisas sobre a arte infantil dariam um grande passo.

Para as psicólogas e pesquisadoras Ferreiro e Teberosky (apud CHEMANA, 1991, p. 24), a criança passa por várias hipóteses da construção da escrita, sendo elas: hipótese pré-silábica, escrita diferenciada, diferenciação da escrita hipótese silábica hipótese silábico-alfabético e hipótese alfabética. Na **escrita diferenciada** evidencia-se a necessidade de encontrar apoio que garanta o significado no momento da leitura, pareando desenho e escrita. Assim, o desenho é uma clara estratégia de remissão ao conteúdo registrado.

*Dificuldades no trabalho como desenho

Professora 1: “Não.”

Professora 2: “Não.”

Professora 3: “Não.”

Professora 4: “Não.”

Professora 5: “Não.Gosto muito e acho que se todos conhecessem a fundamentação ficariam apaixonados e tudo seria mais fácil.”

Professora 6: “Não.”

As professoras apresentaram respostas similares não apresentando dificuldades no trabalho com o desenho. Gostam de utilizá-lo em sala de aula e acreditam que ele deva ser usado para desenvolver a criatividade e não como modelo a ser seguido.

Nesse sentido, Yolanda (2000, p. 77) afirma que quando um adulto “poda” a criança, dizendo que seu desenho não está bonito ou que deve fazer conforme o modelo do professor, está tirando sua liberdade de expressão, inserindo-a em um padrão de estética homogêneo.

*Sugestões de forma de trabalho como desenho

Professora 1: “Não usar o desenho só como simples entretenimento, mas como forma de aprendizagem.”

Professora 2: “Valorizar o potencial da criança e repensar a importância do desenho em sala de aula, pois muitos professores não utilizam este recurso.”

Professora 3: “Usar o desenho como forma de desenvolvimento da compreensão das atividades.”

Professora 4: “Deixar o aluno se expressar e aguçar a criatividade.”

Professora 5: “O desenho não pode ser trabalhado só como ‘desenho livre’ mas deve ter um valor significativo na formação do indivíduo tanto como pessoal, cognitivo, despertando a criatividade e a reflexão do real num contexto socioeducativo.”

Professora 6: “Ilustração de textos. Trabalhar primeiro o texto e representar com o desenho o que se entendeu.”

Foram dadas diversas sugestões para o uso do desenho, porém, a mais citada, foi como forma de avaliação; viu-se algumas semelhanças entre as respostas das professoras 1 e 2, quanto a este aspecto.

É preciso valorizar o desenho espontâneo, não como um simples “preencher do tempo” e sim como uma maneira de trabalhar o psicomotor da criança. O desenho pode ser livre ou direcionado quando é feito com outros materiais variados. Este estímulo deve ser feito desde a

criança enquanto pequena, sendo trabalhado juntamente com a leitura e a escrita, permitindo, assim, o desenvolvimento completo da criança e possibilitando um melhor relacionamento social.(YOLANDA, 2000, p. 77).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenho está aos poucos ganhando espaço em sala de aula, pois é uma forma de se trabalhar noção espacial, coordenação motora grossa e fina, e até mesmo verificar o que a criança está vivendo no momento.

É partindo dessa afirmação que se observou o quanto o trabalho mal direcionado do desenho pode acabar fazendo com que a criança não expresse mais sua criatividade.

Ao realizar esta pesquisa consegui perceber o quanto o desenho é fundamental na formação inicial de uma criança, principalmente nas séries primárias, pois assim como a escrita, ele também nos dá o direcionamento das fases em que a criança se encontra, assim como seus sentimentos, angústias e prazeres. É a partir do desenho que a criança vai adquirindo a simbologia e o movimento das letras.

O desenho pode ser descrito como uma identidade que a criança tem. Inegável a importância do desenho ao desenvolvimento psicomotor da criança por se tratar de uma forma prazerosa de desenvolver a criatividade, concentração e a psicomotricidade fina. Porém, não é difícil encontrar professores que ainda não utilizam este recurso, por não terem embasamento teórico ou por falta de material e incentivo para se trabalhar com a criança ou na instituição. Agindo assim, o adulto acaba não estimulando a liberdade de expressão da criança e até mesmo trabalhar o seu emocional.

REFERÊNCIAS

- AMARO, Ana. **A arte de fazer questionários**. Disponível em: <www.jcpaiva.net>. Acesso em: 24 de jun de 2007.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: Fename, 1996.
- CHEMANA, Roland. **O mundo, a gente traça**. Salvador: Aglma, 1991.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989
- ENCICLOPÉDIA, Encarta. 2000. Microsoft. CD room.
- GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LUQUET, G.H. **O desenho infantil**. São Paulo: Ponte, 1969.
- MARINO, Divo. **O desenho da criança**. São Paulo: Brasil, 1988.
- MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. **A educação artística da criança**. São Paulo: Ática, 1999.
- NEVES, José Luís. **Pesquisa qualitativa_ características, usos e possibilidades**. Disponível em: <www.Ead.Fea.Usp.br>. Acesso em: 14 de Maio de 2007.
- YOLANDA, Regina. **Múltiplas linguagens na escola**. São Paulo: DP&A, 2000.

WADSWORTH, Barry. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira da educação, 1993.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO-FACE
CURSO DE PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL

ENTREVISTADORA: Liana Dorneles Batista

DATA: ____/____/2007

TEMA: A CONTRIBUIÇÃO DO DESENHO COMO EXPRESSÃO E LINGUAGEM NA
ALFABETIZAÇÃO

IDENTIFICAÇÃO

Sexo: F () M ()

Faixa etária: 20 a 29 ____

50 a 59 ____

30 a 39 ____

60 em diante ____

40 a 49 ____

Escola que leciona: _____

Formação: _____

Tempo de Magistério: _____

QUESTÕES

1. O que você entende por desenho infantil?

2.Você considera importante o desenho em sala de aula?Explique.

3.Você utiliza o desenho em sala de aula?Explique.

4. Você acha que o desenho contribui para a alfabetização? Em caso afirmativo, de que maneira?

5.Para você há relação entre a escrita e o desenho? Justifique.

6. Você tem alguma dificuldade em trabalhar o desenho em sala de aula? Em caso afirmativo, qual (ais)?

7.Que sugestões você teria para professores sobre a forma de trabalhar o desenho em sala de aula?

